

## JUVENTUDES E SEUS HÁBITOS COTIDIANOS NOS INTERVALOS ESCOLARES<sup>1</sup>

*The youth and its daily habits in the school breaks*

Luiz Antonio Feliciano<sup>2</sup>

Julia Limongi Rodrigues Ferreira Seraphim<sup>3</sup>

Andreia Gonçalves Feliciano<sup>4</sup>

**Resumo:** A sociedade é dividida em grupos com características ou gostos semelhantes e vive uma época pós-moderna, em que se misturam arcaísmos, com desenvolvimento tecnológico. Segundo Maffesoli (2007), o momento atual é chamado tribal, pois os indivíduos preferem viver a intensidade do momento ao invés de pensar no futuro. Os jovens refletem esse modelo, pois passam por uma fase de instabilidade. Esse texto procura discutir essas questões a partir de uma pesquisa etnográfica, que procurou observar o cotidiano dos estudantes de uma escola de ensino médio regular e outra de ensino médio profissionalizante, ambas da cidade de Lorena (SP). O objetivo foi procurar problematizar as atitudes dessa parcela da juventude, com base nos modos como agem, nos momentos entre as aulas. Ficou evidente a rotinização dos jovens da escola, como um ritual a ser seguido por todos. Uma pesquisa mais aprofundada pode propiciar outros entendimentos sobre as ritualidades juvenis. Espera-se

<sup>1</sup> Parte desse trabalho foi apresentada no XVI Encontro de Iniciação Científica, XIV Mostra de Pós Graduação e VI Mostra de Extensão do Centro Universitário Teresa D'Ávila – UNIFATEA, com o título: Entre aulas: um olhar sobre os intervalos escolares juvenis.

<sup>2</sup> Professor efetivo na Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutor em Educação pela Unicamp. Graduado em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda. E-mail: luiz.feliciano@uemg.br

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Salesiano de São Paulo. E-mail: julia.seraphim09@gmail.com

<sup>4</sup> Advogada. Pós-graduada em Direito Ambiental. Graduada em Direito pela Univap. E-mail: andreiafelicianoadvogada@hotmail.com

que esse trabalho possa fomentar novas problematizações sobre as juventudes e suas vivências escolares.

**Palavras-chave:** jovem; escola; socialidade; experiência.

**Abstract:** Society is divided into groups with similar characteristics or tastes and lives in a post-modern era, in which archaisms are mixed with technological development. According to Maffesoli (2007), the current moment is called tribal, because people prefer to live in the intensity of the moment rather than thinking about the future. Young people reflect this model, since they go through a phase of instability. This text aims to discuss these issues based on ethnographic research, which observed the daily lives of students at a regular high school and a vocational high school, both in the city of Lorena (SP). The objective was to problematize the attitudes of a group of young people, based on the ways they act in the moments between one class and another class. The routinization of young people at school became evident, as a ritual to be followed by everyone. Further research may provide other understandings of youth rituals. It is hoped that this work can promote new problematizations about young people and their school experiences.

**Keywords:** young people; school; sociality; experience.

## INTRODUÇÃO

As pessoas estão constantemente sendo exigidas por mudanças, mesmo que elas não percebam que isso ocorra. Os jovens não fogem à regra, pois são nódulos sociais com interesses em comum. Suas mudanças se dão nas inter-relações que ocorrem cotidianamente. Fatores culturais como crenças, valores, símbolos, normas e outros podem ser assimilados ou derivados de características precedentes ou, até

mesmo, criadas durante aquela fase da juventude. Histórica e socialmente, a juventude é marcada como fase da instabilidade, onde os jovens sofrem certos tipos de pressões e alguns ficam apelidados de irresponsáveis, desinteressados. Um adulto é considerado responsável devido a alguns fatores familiares, ocupacionais, conjugais, etc. (CASSAB, 2011).

Os jovens têm pra si que ser adulto é ter responsabilidades e saber pensar em como resolver os seus problemas. A maioria dos jovens sente medo de como vai ser o seu futuro e quais dificuldades enfrentarão pelo caminho. Mas é quase unânime que um futuro, quando perpassado pela escola, tende a ser mais promissor. Nesse sentido, a escola é terreno fértil para se pensar os rumos almejados pelos jovens e os passos que eles têm dado para alcançar os objetivos. Todos são atravessados por uma cultura. Em cada fase da vida, os laços e as relações entre os pares são diferentes e ajudam a configurar a pessoa, suas atitudes, seus modos de enxergar a vida e sua maneira de significar as coisas (DAYRELL, 2007). O modo como o jovem vivencia suas experiências é carregado de particularidades que resvalam nas singularidades dos seus pares. Ele mesmo, na maioria das vezes, cria suas oportunidades ou as modifica, de acordo com o que melhor convier ao grupo a que está inserido. Essa busca pelo diferente faz com que suas atitudes se tornem tão únicas que para serem observadas, de maneira mais consistente, um observador jovem, pela proximidade, teria melhores condições. De toda forma, o pesquisador necessita transpor-se para o tempo e o espaço em que os jovens vivem para sentir toda efervescência que os possibilitam ser jovens.

Esse texto nasce de observações no cotidiano dos alunos de duas escolas de ensino público: uma de ensino médio regular e outra de ensino

médio profissionalizante, ambas da cidade de Lorena (SP). A pesquisa<sup>5</sup> realizada teve como objetivo auferir o que as juventudes têm feito nos seus momentos de ócio dentro da escola, aqueles períodos em quem as socialidades têm mais vigor e potencialidade. O trabalho foi construído através de um percurso metodológico, centrado no modelo da antropologia urbana. Porém, a ida ao campo aconteceu em dois lugares similares e distintos ao mesmo tempo, isso tem proximidade com o que caracteriza a pesquisa focada na etnografia multilocal (MARCUS, 2001). A tentativa de buscar as relações e aproximações entre as atitudes dos alunos do colégio profissionalizante e os alunos do colégio de ensino médio regular deu à pesquisa esse caráter de multilocalidade.

A etnografia possibilita um afetar-se entre os copartícipes. Tanto pesquisador como pesquisado acabam perpassando e sendo perpassados pela presença um do outro. Num primeiro momento, um estranhamento, que, a partir do convívio entre ambos, passa a uma relação altera que coadjuva com a construção de cada um, pela construção do Outro (MAGNANI, 2009; 2002). Na etnografia, as informações começam a aparecer com a intensidade da presença e a constância na observação. Nesse trabalho, os alunos pesquisadores, por conviverem na própria escola, teciam, há algum tempo, essa alteridade que o trabalho antropológico permite e exige. O trabalho etnográfico está, em sua maioria, pautado por uma abordagem limitada a um espaço que não compreende o todo, mas apenas uma parte dele. Na multilocalidade, as partes se complementam simultaneamente.

As observações do cotidiano escolar foram realizadas por uma aluna (colégio profissionalizante) e um aluno (ensino médio regular) que se encarregaram de olhar atentos os movimentos e as atitudes dos seus

---

<sup>5</sup> Pesquisa de PIBIC-EM – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica para Ensino Médio, vinculada ao ISPIC-UNIFATEA, como apoio do CNPq.

pares na escola. Esse passo se estendeu por um período de um mês, com o propósito de mapear as atividades feitas pelos alunos nos horários livres. Aqueles que compreendem os intervalos, dos *entre-aulas*, e os momentos depois delas se encerrarem, os *pós-aulas*. A construção metodológica, por mais que se tenha tido o cuidado de orientar-se para inibir e aparar possíveis arestas que possibilitariam interferências nos resultados se constituiu em curso. Esse é o caráter dinâmico e vivaz da pesquisa, sobretudo, nas ciências humanas.

O viés adotado possibilitou alguns apontamentos sobre as atitudes dos jovens, principalmente, no momento vivenciado dentro da escola, e abriu espaço para problematizações que ecoam em situações além dos seus espaços físicos, que reverberam, em outros momentos, noutros lugares, além-muros da escola. Acredita-se que as inferências, por ora apresentadas, colaborem para outras abordagens mais densas sobre o universo do jovem e da educação como um todo. Espera-se, contudo, que o texto tenha dado conta de alinhar alguns barbantes e atar alguns nós, a partir da ótica de dois jovens que vivenciam essa dinâmica cotidianamente. E, oxalá, que as discussões suscitadas contribuam para um olhar mais atento sobre o universo juvenil.

## 1. UM BREVE PERCURSO TEÓRICO COMO REFERENCIAL

Para entender o campo é importante partir de alguns óculos que auxiliam na focagem e na nitidez dos sujeitos observados. Uma tentativa de escuta das vozes que falam sobre as temáticas que atravessam seu percurso metodológico. Nesse sentido, procurou-se, num primeiro momento, trazer algumas discussões no entorno de conceitos que submergem da ida ao encontro dos sujeitos. Juventude, identidade, espaço, cotidiano e pós-modernidade são assuntos que são trazidos, de

forma breve, por aflorarem, de maneira consistente, nas discussões que abordam os jovens e sua inteiração no espaço social. A imersão em alguns autores deu o suporte necessário às idas ao campo e a qualificar o olhar a ser lançado sobre o fenômeno da juventude escolar. Desse modo, o texto procura trazer algumas elucidações que nasceram de leituras e interlocuções.

### **1.1 Juventude, identidade e identificação**

O processo de socialização é uma constante na vida de todas as pessoas. Contudo, há que se olhar para a diversidade que compõe as juventudes, mesmo com as similaridades existentes entre aqueles e aquelas que fazem parte dessa categoria (PAIS, 1990). Diferenças de culturas, crenças, valores, símbolos, normas e outras tantas particularidades corroboram para que apareçam especificidades que reforçam a ideia das várias juventudes existentes. No convívio com o grupo diversas características podem ser assimiladas ou derivadas de outras precedentes ou, até mesmo, algumas podem ser criadas durante aquela fase da juventude, naquele grupo específico. Contudo, deve-se atentar para as semelhanças que unem o grupo, sem se esquecer das peculiaridades que os tornam diferentes e únicos.

Histórica e socialmente, a juventude é marcada como uma fase de instabilidade, em que os jovens sofrem certos tipos de pressões e alguns ficam apelidados de irresponsáveis, desinteressados (CASSAB, 2011). Um adulto é considerado responsável por responder a alguns fatores familiares, ocupacionais, conjugais, etc. O jovem, ao assumir tais responsabilidades, passa a requerer o status da adultez (PAIS, 1993). O problema mais comum, que ocasionalmente afeta as juventudes, é a crise no mercado de trabalho, iniciada após o *baby boom* com o fim da segunda guerra mundial, apontava Machado Pais, em 1993. Contudo,

“a posterior expansão do desemprego a partir de fluxos provenientes da inatividade, nomeadamente entre os jovens, parece instalar-se como ‘tendências duradoura’” (PAIS, 1993, P. 141.) (Grifo do autor.). Atualmente, os jovens tendem a postergar sua dependência por conta da instabilidade a que o mercado tem inserido a sociedade. Com o aumento da escolaridade e, conseqüentemente, o aumento da qualificação, os estudantes preparam-se melhor para o mercado de trabalho e, assim, diminuem, ocasionalmente, a crise.

De acordo com a corrente geracional, em cada geração encontram-se duas tendências às quais os jovens são imersos. Uma em que se assimila o que foi vivenciado (ideias, valores, instituições.) e outra em que se centra na espontaneidade de uma vivência fluída. A primeira, cumulativa, experimenta uma homogeneidade no que é recebido e inerente. A segunda, por sua vez, vai sentir a força de uma heterogeneidade nos mesmos elementos. Estas são perpassadas pelos embates ou pelas rupturas intergeracionais. É interessante questionar se essa descontinuidade se dá pela força da cultura juvenil<sup>6</sup> ou pela estrutura de classes que formam o “topo” social em que os jovens se originam ou, ainda, se a causa da interrupção é motivada pelas duas tendências (PAIS, 1993).

Se a cultura está na base de todo processo de socialização, seja no sentido macrossocial ou no sentido microssocial, entende-se que nesse movimento acontece um compartilhamento de significados. Um conjunto de símbolos que caracterizam o pertencimento a um grupo. Uma especificidade linguística, com seus usos ritualístico, que dá sentido

---

<sup>6</sup> “Por *cultura juvenil*, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 1993, p. 163).

à vida. Um compartilhamento de significados copartícipes de um conhecimento que é comum, é ordinário e é cotidiano. Nesse sentido, Pais (1993) orienta a levantar as seguintes questões:

1.º se os jovens compartilham os mesmos significados; 2.º se, no caso de compartilharem os mesmos significados, o fazem de forma semelhante; 3.º a razão por que compartilham ou não, de forma semelhante ou distinta, determinados significados. (PAIS, 1993, P. 164.)

Esses questionamentos sugerem olhar profundamente para as juventudes no desenrolar de suas atitudes. Isso se faz necessário que aconteça nos contextos vivenciados pelos jovens, nos seus cotidianos.

(...) porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constróem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção (*sic*). (PAIS, 1993, P. 164.).

Para Dyrell (2007), a sociabilidade entre os jovens pode ocorrer nas deambulações pela cidade, bem como em outros momentos de intervalo entre os fazeres cotidianos. Pode, igualmente, se dar no interior de instituições, como a escola e o trabalho, ou, ainda, “em invenções de espaços e tempos intersticiais” (DYRELL, 2007, P. 1111).

Vivemos numa época juvenil arcaica (MAFFESOLI, 2007), mesmo que digam ser diferente, a separação em classes sociais permite àquelas mais altas se considerarem superiores às demais. Isso contribui para que surjam as atitudes envoltas ao cinismo e à arrogância. Para Maffesoli (2007), o que melhor define a nossa sociedade atual é a metáfora da “tribo”, que permite uma forma mais coerente de entendimento sobre as metamorfoses do vínculo social. A dimensão comunitária e a saturação do conceito do indivíduo e da lógica da identidade têm possibilitado isso.

Maffesoli (2007, p. 98), ao citar Bergson, diz que há “sempre uma intuição por trás de todo pensamento criador”. Esta é a visão interna de

um sujeito que observa a energia própria de um ser, uma situação ou um conjunto social. A socialidade é o foco dado a essa força interna que se torna a base do poder interior sob suas diversas formas. No neotribalismo contemporâneo, essa força está sendo impulsionada. A sociedade tem assistido ao retorno do “princípio de Eros”, em substituição ao “princípio de logos”. O primeiro relacionado a uma ligação psíquica e emotiva. O segundo, com interesse objetivo, ligado ao princípio da razão. Desse modo, as atitudes são consideradas tribais, pois se prefere viver dentro da intensidade do momento, a pensar no futuro econômico, político e social. As juventudes têm demonstrado constantemente esses modos de vivenciar as relações de acordo com a potência que o grupo oferece.

A partir de uma expressão de Ortega y Gasset, citada por Mafessoli (2007), o “imperativo atmosférico” pode ser compreendido como uma ambiência estética, onde só importa a dimensão transindividual, coletiva e, talvez, cósmica, que se instala no atual momento da sociedade. A saturação do sujeito, a subjetividade da massa, assim como outras formas de *urgrund* ou coletivo, uma espécie de “narcisismo coletivo”, que está na base de todo o ser comum. Comte, estabeleceu que *volens nolens* é a base dos diversos sistemas sociológicos a que a ele sucederam. O tribalismo é nada mais que uma declaração de guerra ao esquema substancialista que marcou o ocidente. Rainer Maria Rilke, afirmou que é necessário cavar fundo nossas raízes, sem deixar a superfície para entender melhor o modo de vida. Querendo ou não, somos obrigados a viver nesse meio e devemos nos adaptar, pois é o que a sociedade tribalista contemporânea nos impõe como desafio, nessa época de pós-modernidade.

## 1.2 Espaço e cotidianidade pós-moderna

Para falar de espaço, público ou privado, é importante ter um conhecimento prévio da diferença entre meio ambiente e ambiência. Meio ambiente é caracterizado por toda materialidade que existe em nosso espaço, tais como prédios, ruas, praças, postes. Por ambiência pode-se dizer que é o emocional ou tudo que dá vida a determinado lugar (THIBAUD, 2012). O espaço em que se vive é especialmente projetado para dar aos habitantes uma vida harmoniosa. Basicamente, tudo o que pode ser percebido e o que não é perceptível, sem um maior raciocínio, existe em determinado lugar por um propósito. Esses fatores que encontram dificuldades em serem percebidos são chamados de *médium*. O *médium* engloba tudo que pode ser sentido em determinado local – cheiro, luz, sons – e é cuidadosamente escolhido por profissionais, principalmente, das áreas de marketing para “controlar” as ações das pessoas no cotidiano (THIBAUD, 2012).

Thibaud (2017; 2012) aponta uma perspectiva que avança no sentido de entendimento de uma abordagem mais ampla no conceito de ambiência. Com um olhar mais interdisciplinar, diferente do ponto de vista físico e clássico, qualificado pelo controle das ambiências, essa nova concepção passa a valorizar a percepção sensível e a experiência estética. Desse modo, a “ambiência é definida como o espaço-tempo experimentado pelos sentidos” (THIBAUD, 2012, P. 09). Nesse modelo mais aberto e qualitativo, com outros modos de inteligibilidade, a abalroação ganha ares mais sensíveis e humanos. Isso tem possibilitado uma amplitude nas observações a que esse trabalho tem proposto por abordar as atitudes dos jovens no espaço escolar, com seus ambientes e ambiências, característicos de cada escola. A cotidianidade vivida no colégio perpassa as sensibilidades que o lugar permite.

O cotidiano é representado pelas atividades que o ser humano faz diariamente em sua vida, individual e coletivamente, sem perceber que

está fazendo. Para Pais (1993), o cotidiano é onde tudo se passa e nada se passa.

O cotidiano – costuma dizer-se – é o que se passa todos os dias. Mas também se costuma dizer que no cotidiano nada se passa que fuja a ordem da rotina e da monotonia. Então o cotidiano seria o que no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar. Mas só interrogando as modalidades através das quais se passa o cotidiano – modalidades que caracterizam ou representam a vida passante do cotidiano – nos damos conta de que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no “nada de novo” do cotidiano, que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura. (PAIS, 1993, P. 108.).

É preciso observá-lo mais de perto, desde o princípio até os dias atuais. Se houver o desejo de ter ideia sobre o futuro de tudo que é possível, é no cotidiano atual que se pode enxergar. Mas quando dizem “observar” significa que é necessário ter um olhar que perscruta, que questiona, que infere. Um olhar de sociólogo, de antropólogo, de historiador ou de filósofo. Porém, os primeiros a pensarem o cotidiano são os artistas e os poetas que lançam seu olhar intuitivo sobre a cotidianidade da vida social. Entre muitos pensadores, podemos citar Appel que, de acordo com Maffesoli (2008), diz ser preciso compreender ao mesmo tempo o escondido e o evidente. Nesse sentido, é importante que se estude a origem da coisa, pois isso é a principal fase de algo que necessite ser estudado (MAFFESOLI, 2008).

Segundo Maffesoli (2011, P. 21), “a pós-modernidade dá importância às tribos, aos espaços que ocupam e às socialidades que ali se desenvolvem”. Essa evolução ocorre em espiral, à medida que novos elementos são criados e alguns são eliminados. É difícil imaginar o que será da pós-modernidade, pois o futuro é algo incerto. Porém, podemos ter uma ideia, analisando algumas tendências atuais. Segundo Maffesoli (2011, P. 21), esse período deve ser dado como “a sinergia de fenômenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico”. Isso pode ser percebido,

não apenas por aspectos do espaço (lugares que vivemos e somos influenciados) ou por valores enraizados (língua, cozinha, posturas corporais), mas, também, por materiais espiritualistas, solidariedade, proteção (abstratas).

A estrutura das tribos tem sempre a mesma dimensão calcada na entreajuda, na divisão do sentimento, na ambiência “afectual”. Nessas tribos, há criação de mitologias, oriundas da substituição do indivíduo, da história e da razão, pela fusão do “afectual”, encarnada no presente de imagens *comuniais*. Numerosos são os fenômenos da vida que não seriam explicados sem a existência desses fatores. Na pós-modernidade, sai de cena o indivíduo e assume em seu lugar a pessoa, com suas *personas*. A autonomia se esfacela e ganha força a heteronomia, lugar onde a minha lei passa a ser o outro. Junto a isso, concomitante, inverte-se a importância do tempo. A história linear perde lugar para a história humana. É a “einsteinização” do tempo em que o tempo se contrai no espaço. Predomina o tempo vivido com o Outro, num determinado espaço. O *Carpe diem* que domina o hedonismo da vivência necessária do eterno presente.

(...) o presente pós-moderno encontra a filosofia do *kairos* que colocou a tônica sobre as ocasiões e as boas oportunidades, sendo a existência apenas, numa certa medida, uma sequência de instantes eternos que convém viver, o melhor possível, aqui e agora. (MAFFESOLI, 2011, P. 23.).

Na pós-modernidade, a imagem ganha importância na constituição do sujeito e da sociedade. Imagem essa renegada na tradição judaico-cristã e na intelectualidade de descartes a Sartre. Uma negação que custou o bom funcionamento da razão, além de marcar os modos de pensar e a sensibilidade teórica (MAFFESOLI, 2011). Na atualidade, tudo se reporta em imagem. Publicidade, televisão, virtualidade, marca, intelectualidade, religião, política, mercado,

indústria. Tudo deve ser visto. Tudo deve se espetacularizar. Funda-se um “mundo imaginal”. “Isto é, de uma maneira de ser e de pensar, inteiramente atravessada pela imagem, o imaginário, o simbólico, o imaterial” (MAFFESOLI, 2011, P. 24.). O imaginal nos permite atentar para a sociedade complexa, para a solidariedade orgânica e para a correspondência entre todos os elementos naturais e sociais. Mais ainda, a época é propícia para observar a impermanência de tudo que é dado e estabelecido. Os intervalos das aulas, nos colégios observados, permitiram enxergar vestígios dessa impermanência e dessa pós-modernidade.

## **2. OS DIFERENTES ESPAÇOS E AS NUANÇAS JUVENIS**

### **2.1 Inferências e discussões I – Ensino Médio Regular**

O trabalho etnográfico se vale de uma observação mais intensa do universo a ser estudado. Desse modo, houve uma concentração nos meses de abril e maio, do ano de 2019, para verificar as atitudes dos alunos, nos momentos de entre aulas. Durante o intervalo, percebeu-se que os jovens apresentam variadas maneiras de demonstrar suas emoções. Todos têm, em comum, a vergonha de se expressar com os outros jovens. Isso interfere quase sempre no desenvolvimento social de cada um. Outra situação que também ficou muito evidente foi o uso de drogas dentro da escola. Notou-se, igualmente, que há um despreparo da direção em lidar com o problema. O fato de haver poucas atividades esportivas e artísticas, ou programas que exijam o envolvimento dos alunos, contribui para que haja uma ociosidade no tempo livre. Essa ociosidade é terreno fértil a ser preenchido pelas práticas do grupo, ao qual se quer inserir, estar dentro, “para sentir o prazer de estar juntos, ‘entrar dentro’ da intensidade do momento, como aponta Maffesoli

(2007, P. 98). A inclusão de atividades alternativas poderia colaborar para o desapego das drogas e a abertura para interações sociais, marcadas pela presença física ao invés das interações virtuais, na individualidade de seus celulares.

As conversas informais realizadas com os jovens ofereceram resultados bastante interessantes nas respostas dadas por eles. Em uma pergunta, todos responderam a mesma coisa sobre a escola: “ela é o futuro, a garantia de uma vida melhor”. Cada um falou de seu jeito, mas a palavra-chave de todos foi a preocupação com o “futuro”, sem exceção de ninguém. Outra questão relevante foi sobre o papel do jovem na sociedade e qual a sua importância para ela. As respostas foram positivas e demonstraram que os jovens, que colaboraram com a pesquisa, têm consciência da relevância da sua potencialidade para a sociedade. Afinal, os jovens, além de serem os próximos a ocuparem os velhos e novos cargos políticos, são significativamente relevantes para as empresas, pois serão o material humano qualificado para gerir e dar o desenvolvimento necessário ao crescimento econômico e mercadológico.

A partir das observações e das falas informais de alguns colaboradores percebeu-se que o convívio num dado espaço é, na maioria das vezes, pautado pela vivência da proximidade com o grupo. A circulação de drogas na escola acaba facilitando a entrada dos jovens nesses caminhos. O meio ambiente influencia nas atitudes e a coletividade tem força nesse modelo pós-moderno, que é vivenciado na atualidade.

O termo “indivíduo”, já o disse, não é mais de actualidade. Em todo caso, não é de actualidade no seu sentido estrito. Talvez fosse necessário falar, no caso da pós-modernidade, de uma pessoa (*persona*) que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. A identidade fragiliza-se. As identificações

múltiplas, em contrapartida, multiplicam-se. (MAFFESOLI, 2011, P. 23.). (Grifos do autor.).

Nas múltiplas *personas* que se assume, o jovem acaba se moldando, de acordo com as preferências do grupo – ou da tribo –, para reforçar o sentimento de pertença junto aos seus pares. E a vivência do presente reforça a ideia do consumo da droga. Pertencimento ao grupo pela adesão às mesmas preferências e o sentimento de vivenciar o aqui-e-agora com toda intensidade. Pois o amanhã é longe demais para se esperar. A juventude ilustra os novos modos de socialidade que a pós-modernidade veio inaugurar.

## 2.2 Inferências e discussões II – Ensino Médio Técnico

Durante o período de observação ao colégio técnico pode ser notado certa repetição nas ações dos alunos, com raras variações. É o caráter ritualístico que compõe a rotinização do cotidiano. Essa característica rotineira – e rotina, vem de rota – é que torna o chão mais firme e dá segurança ao caminhar (PAIS, 1993).

É certo que, considerado do ponto de vista da sua regularidade, normatividade e repetitividade, o cotidiano manifesta-se como um campo de ritualidade. A rotina é, aliás, um elemento básico das actividades (sic) sociais do dia-a-dia (PAIS, 1993, P. 109.).

A maioria dos jovens anda em grupos, como citado anteriormente, prática comum nos dias atuais. Outro aspecto observado, que pareceu bastante relevante, é o fato dos/das jovens procurarem se relacionar com os jovens que têm os mesmos gostos ou algo semelhante. Um “estar-ombro-a-ombro”, característico das manifestações tribais que englobam as sociedades pós-modernas, como aponta MAFESOLI (1998). Poucos são aqueles que andam solitários pelos cantos da escola, quase como um recado dizendo não querer se adaptar ao sistema. Notou-se, ainda, que

os jovens apresentam variadas formas de expressar as emoções. A maioria tem, em comum, a vergonha de se expressar com os outros jovens. Isso interfere quase sempre no desenvolvimento social de cada um.

Nos intervalos do café, os alunos que saem primeiro das salas formam uma fila para pegar o lanche do dia. Quando distribuem bolo, há uma procura maior por partes dos jovens. Nessas ocasiões, a fila fica enorme e, por conta disso, alguns conseguem pegar seu pedaço apenas por volta das dez horas e vinte minutos. Por outro lado, a distribuição de flocos de milho ou da famosa bebida de morango inibe a procura desses lanches. Com isso, a fila para pegar o alimento permanece pequena e quase ninguém se propõe a buscar o seu quinhão. Fazer parte do grupo é assemelhar-se aos gostos comuns e às maneiras consensuais de vivências dos pares. As preferências se adaptam ao grupo ou, melhor, as *personas* são revestidas para tomar a forma dos pares. Como ressalta Maffesoli (2007, P. 100), o “tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social”.

Nos dias frios, a maioria se abriga nos bancos, na parte externa ao pátio. Um momento para aquecer-se na luz do sol e na companhia do outro. Por vezes, simplesmente tomam acento em uma das mesas, disponíveis nos dois pátios, para conversar, comer, ouvir música. Alguns jovens preferem permanecer em suas salas, conversando os assuntos diversos que mais lhes agradam. Todos os intervalos são acompanhados por músicas, escolhidas pelos próprios alunos. Quando toca alguma mais conhecida, todos cantam e alguns até dançam. A rotina se ritualiza e sua constância reforça o sentimento de pertença ao grupo, em contraponto ao indivíduo moderno.

O universalismo do sujeito, da razão, avatares de um Deus transcendente, deixa o lugar a razões e afetos locais, particulares, situados. Resumidamente, não é mais o vertical do cérebro que prevalece, mas o despertar da pessoa em sua inteireza. O que é denominado, assim como já indiquei (O Instante Eterno), de um “pensamento dos sentidos” (“pensée du ventre”). Um pensamento que saiba assumir os sentidos, as paixões e as emoções comuns. (MAFFESOLI, 2007, P. 101.). (Grifos do autor).

No horário de almoço, a grande maioria dos alunos vai para o pátio com seus grupos. Quando a fila para pegar a refeição está grande, alguns alunos vão para o jardim conversar, assim esperam o tempo passar, até que a fila diminua. Têm aqueles que ficam no pátio conversando e rindo, se divertindo, enquanto aguardam um momento mais tranquilo para se alimentarem. Há também os casais que vão para o jardim ou para as salas aproveitar para ficarem juntos. Outros preferem ficar sozinhos, lendo um livro, ouvindo música ou olhando a paisagem e analisando as pessoas. Estes, após almoçarem, vagueiam pelos corredores. Os rituais se diversificam. Têm brincadeiras, grupos de segredos, batalhas de rimas e, vez ou outra, consolos para quem necessita. Em toda parte, há alguém vendo o mundo à sua própria maneira, porém, em conformidade com os interesses da coletividade.

Após as aulas, a quadra de esportes fica liberada para os alunos. As salas se juntam e, aqueles que gostam, podem praticar um esporte coletivo. Geralmente, jogam vôlei ou futebol, mas, caso queiram, podem jogar outros jogos também. Esses momentos servem para aprimorar as habilidades para o “interclasses” – torneio interno do colégio. Todavia, em sua maioria, a prática esportiva acontece porque os alunos gostam de esportes. Comumente, ficam entre dez e vinte alunos, às quintas e sextas, para jogar bola. Outros – um grupo de quatro pessoas – permanecem no ambiente escolar, todos os dias. Eles ficam conversando, enquanto esperam para ir embora. A justificativa é que

gostam de ficar na escola, pois em casa é tedioso. Então, a escola e os amigos, claramente, são a melhor opção. Para Thibaud,

(...) o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele participa. Assim, podemos falar em engajamento estético, que é uma noção-chave da estética ambiental. Ao invés de conceber o sujeito como um observador que não se envolve com o mundo que ele observa, ele deve ser visto como um participante ativo engajado nas situações a que é confrontado. (THIBAUD, 2017, P. 08.)

A ambiência escolar é pensada na acomodação do aluno, tanto nas salas de aula, quanto nas áreas externas, a fim de influenciar o jovem com cores calmas, que não tiram a sua atenção, entre outros fatores. Estar naquele lugar, vivenciando uma experiência estética com o outro é melhor do que a vivência tediosa, do espaço de convívio, da cotidiana mesmice familiar.

## CONCLUSÃO

Observar a dinâmica interativa diária da escola possibilitou inferir que a socialidade está muito presente na cotidianidade dos jovens. Para compreender essas nuances, é extremamente necessário um olhar atento sobre algumas práticas rotineiras, que possibilitem uma melhor compreensão do universo juvenil. Prestar mais atenção nas entrelinhas se faz necessário para sentir determinado lugar ou o comportamento tribal dos jovens, que procuram sempre uma companhia para discutir conhecimentos, relações ou serem ouvidos por alguém que os compreenda melhor. Uma atitude que se funda na necessidade da relação “ombro-a-ombro” e do sentimento de pertencimento a um grupo.

Cada jovem tem sua particularidade na vivência da sua juventude, sempre perpassada pelas particularidades dos outros jovens, que fazem parte do seu convívio. Um afetar-se mútuo que constrói as

peças na pós-modernidade. Os jovens têm consciência da importância da escola, mas, muitas vezes, a ociosidade dos momentos escolares contribui para a entrada nas drogas e a resistência das interações sociais em grupos diversificados. O papel da escola, que deveria ser fundamentalmente o de aquisição do conhecimento e, acima de tudo, ter forte importância no processo de socialização dos jovens, acaba por ruir, assim como as outras instituições têm se fragmentado. Como aponta Maffesoli (2011, p. 22), com “efeito, as diversas instituições sociais, que se tornaram cada vez mais abstractas e desencarnadas, já não parecem coadunar-se com a exigência reafirmada de proximidade”.

Faz-se necessário enxergar com outros olhos a cotidianidade do jovem que tem suas singularidades perpassadas pelo sentimento de coletividade, inaugurado pela pós-modernidade. A escola aparece como um espaço propício para as relações de proximidade e de experiências coletivas, sobretudo, nos momentos de “entre aulas”. Nos intervalos, os grupos se juntam e se reorganizam de acordo com os interesses de cada um. As diversas máscaras vão se recompondo nesse teatro da vida cotidiana institucionalizada, mas que oferece brechas para recomposições afetuosas e nodais. A escola tem que assumir o papel de um espaço de resistência contra as forças sociais, que dificultam o crescimento humano do jovem. Nos “entre muros” residem a potência vital de uma juventude que quer vivenciar o presente, mas carrega consigo uma força, que pode interferir, substancialmente, nos passos que alcançam o futuro.

É importante perceber que um espaço, onde os alunos têm a obrigatoriedade de estar, durante boa parte de suas vidas, oferece condições para problematizações que permitem olhar atento para as questões juvenis. Espera-se, desse modo, ter contribuído para que outros

questionamentos possam surgir, a partir dessas colocações que, por ora, aqui, são apresentadas.

## REFERÊNCIAS

CASSAB, C. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. In. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 17, n.02, 2011, p. 145-159.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> acesso 29 nov. 2012 as 23h16 min.

MAFFESOLI, M. Pós-modernidade. In. **Comunicação e Sociedade**, vol. 18, 2011, pp. 21-25.

MAFFESOLI, M. A terra fértil do cotidiano. In. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 36, agosto de 2008, quadrimestral.

**DOI:** <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.36.4409>

MAFFESOLI, M. Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações. In. **Ciências Sociais Unisinos**. Volume 43 • número 1 • jan/abr 2007.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa**. NEVES, Luiz F. B. (Apres.); MENEZES, Maria d. L. (Trad.); VOGEL, Arno (Rev. Tec.). 2a ed. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 17, nº 49, s. L., junho/2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>. <http://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a05.pdf> acesso em 14 out. 2015 as 13h38 min.

MAGNANI, J. G. C. No meio da trama: a antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea. In. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 60, s. L, 2009, pp. 69-80.

MARCUS, G. E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. In. **Revista Alteridades**, vol. 11, núm. 22, julio-

diciembre, 2001, pp. 111-127. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa Distrito Federal, México.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. In. **Revista Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

PAIS, J. M. Nas rotas do quotidiano. In. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.º 37, s. L., junho-1993, p. 105-115.

THIBAUD, J.-P. A cidade através dos sentidos. In. **Cadernos PROARQ 18**, 2017. Disponível em:  
[https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18\\_Acidade\\_JeanThibaud.pdf](https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq18_Acidade_JeanThibaud.pdf)

THIBAUD, J.-P. O devir ambiente do mundo urbano. In. **Redobra: Tumulto**. Salvador: ano 03, 2012. [http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9\\_O-devir-ambiente-do-mundo-urbano.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_O-devir-ambiente-do-mundo-urbano.pdf) Acesso em 13 out. 2015 as 01h18 min.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

FELICIANO, L.A.; SERAPHIM, J. L. R. F.; FELICIANO, A. G. Juventudes e seus hábitos cotidianos nos intervalos escolares. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 8, n.º18, jul-dez/2023, p. 129-149.